

## Conversa com o motorista: A bancarrota espiritual

Patrícia Carla de Melo Martins<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
pcmmartins.pesquisa@gmail.com

**Resumo:** Este relato etnográfico narra uma experiência vivenciada em São Luís, Maranhão, durante o dia de São Jorge (Ogum). A autora descreve um trajeto em transporte por aplicativo a caminho de uma celebração de Candomblé, onde se estabelece um diálogo tenso e revelador com o motorista. A conversa expõe o sincretismo religioso e o imaginário popular acerca da Quimbanda, com o condutor relatando práticas de sacrifício animal e a realização de "trabalhos" espirituais visando o mal alheio mediante pagamento. O texto explora o contraste entre a visão acadêmica e devocional da autora sobre as religiões de matriz africana e a apropriação utilitarista e "folclórica" apresentada pelo motorista. O desfecho, marcado por um equívoco no destino da viagem (uma clínica veterinária ao invés do terreiro), serve como metáfora para os desencontros éticos e a "bancarrota espiritual" observada na banalização do sagrado.

**Palavras-chave:** Religiões de matriz africana; Sincretismo religioso; Etnografia urbana; Quimbanda; Imaginário popular.

## Conversation with the Driver: The Spiritual Bankruptcy

**Abstract:** This ethnographic account narrates an experience lived in São Luís, Maranhão, on St. George's Day (Ogum). The author describes a ride-share journey en route to a Candomblé celebration, during which a tense and revealing dialogue with the driver takes place. The conversation exposes religious syncretism and the popular imaginary regarding Quimbanda, as the driver recounts practices of animal sacrifice and spiritual "works" intended to harm others for payment. The text explores the contrast between the author's academic and devotional perspective on African-matrix religions and the utilitarian and "folkloric" appropriation presented by the driver. The outcome, marked by a mistake in the trip's destination (a veterinary clinic instead of the temple), serves as a metaphor for ethical mismatches and the "spiritual bankruptcy" observed in the trivialization of the sacred.

**Keywords:** African-matrix religions; Religious syncretism; Urban ethnography; Quimbanda; Popular imaginary.

Dia 23 de abril, dia de Ogum. Ouço os pontos cantados da Umbanda, preparo minha roupa branca, tomo meu banho de ervas, medito sobre os caminhos guiados e protegidos pelos Orixás e as Entidades dos cultos afro-indígenas. Trago na memória o tempo no Terreiro de Umbanda em Ponta

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuando no Curso de Ciências Humanas (Campus Pinheiro) e no Programa de Pós-Graduação em História (Campus São Luís/Bacanga). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5858925631345068> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3174-0613>

Grossa, trago a força dos pontos cantados de Ogum, me levantando, me retirando do sofrimento e angústia. Meus olhos se enchem de lágrimas lembrando. Lembro das viagens, das mudanças de casa, da sensação junto dos caminhões de mudança, do asfalto quente do dia e da noite, de sol e estrelas, da vigilância de chegar em outro lugar, onde mais uma vez o novo se descortina junto da vontade de existir. Preparo-me para o tambor de Candomblé para Ogum, com início às 20h. Chamo um amigo, pesquisador como eu, estrangeiro, para me acompanhar na experiência sensorial de canto e transe. Dentro da rotina, saio de casa com antecedência para garantir um lugar junto ao coro de homens que transborda meus ouvidos invadindo a alma do meu coração. Uma chuva torrencial muda o roteiro da saída. Os motoristas não atendem à solicitação de nos transportar, o valor da corrida é alto, a chuva traz o caos paralisando o trânsito... enfim, um aceite, depois de quase 30min de tentativa e espera. Entramos no carro, vestidos de branco dentro das regras do ritual de destino. Entramos no carro e o motorista nos pergunta: - vocês são de mesa branca, é?! Eu fico surpresa com a pergunta, e não hesito em apenas concordar. - Sim. Seguimos em conversa baixa eu e meu amigo. Relato meu sofrimento em castrar o meu gato, por ver nisso uma violência, sinto que estou traindo meu bixinho privando-o da sua natureza selvagem. Meu amigo relata seu sonho constante com Madri e a sensação do frio europeu, como uma espécie de contraste em relação ao calor perene de São Luís. Seguimos achando tudo meio engraçado, com olhar alegre. Olho para ele e tento ver algo para além das palavras que estaria por detrás do sonho. - O que está vendo Patrícia? - Estou tentando ver o que você sente, quando fala do sonho. - Tive um amigo na Europa que me olhava assim, como se estivesse vendo além. Ele tinha sete gatos. As pessoas que tem gatos parece que tem esse poder de ver além. - Volto com o meu sofrimento, castrar o gato. - Fico de coração partido pelo fato de haver uma gata que aparece no telhado, chamando o meu gatinho para namorar, e lá ficam algumas horas em festa, fazendo uma arruaça no telhado, para o horror da vizinhança. O motorista que ouvia atentamente a prosa acaba entrando na conversa: - Depois de ficar com a gata ele desce do telhada fica relaxado, tranquilo. Gato castrado só come e engorda. - O Sr. Tem gato? - Não, tinha uma jiboia, dessa grossura... - Nossa, quanto tempo o Sr. ficou com essa cobra? Ela ficava no quintal? - Não, dentro do apartamento, ela ficava no sofá com a gente, ela comia pombo, eu comprava pombo para ela comer, ela tinha cinco anos. - O que aconteceu com essa cobra? - Ela sumiu. - Como assim sumiu? - Foi embora, saiu pela sacada do prédio, nunca mais vi. Outro dia, lá no Mercado Central tinha um homem com um filhote de jiboia, comprei dele, paguei 20 reais. Cheguei em casa minha mulher ficou brava que só. Tive que levar embora, soltei no rio lá embaixo. - Uma vez voltando do interior, da Baixada para São Luís, o motorista contou que a jiboia disputa o lugar da mulher da casa. Quando aparece uma jiboia no quintal de um casal o homem tem que dizer para ela que ele já tem uma mulher e que é para ela ir embora. - O olho da jiboia é um patuá para atrair mulher, se você usar no pescoço a gente atrai a mulher que

quer. A gente faz muito trabalho com cobra. Usa tudo da cobra. O coro é bom colocar na frente do comércio, para atrair freguês. - E gato o Sr. nunca teve? - Eu gosto de gato preto, não sei porque. O olho de gato também é muito poderoso, tirar um olho do gato e usar como patuá é bom para proteção. Mas tem que deixar o gato vivo. - Como alguém tem coragem de fazer isso? O sr. faz essas coisas? - Sou eu que mato o bode e o carneiro na Quimbanda, corto, tiro o couro. Olho para o meu amigo e não falamos nada uma para o outro. Dou corda à conversa para ver o que mais pode sair dali. E ele pergunta: - A Sra. Recebe quem na mesa branca? - Ah frequentei a Umbanda, gosto da Umbanda porque não tem muito essas coisas, eles não fazem trabalho com bicho, pelo menos no terreiro que eu frequentava não. - ... só com galinha preta, na Umbanda. Quem a Sra. Recebe? A Sra. Recebe alguém? - Cigana, pomba gira, caboclos... - mas qual a Sra. Recebe? - Cigana esmeralda, Rosa Caveira... - Rosa Caveira é Exu Lucifér[2]... eles andam com a gente. Eu sou da Quimbanda. Eu recebi Lucifér uma vez, muito forte, desmaiei depois que ele foi embora. Minha mulher também recebe. Eu gosto de charuto cubano, só uso charuto bom. Já fiz muito trabalho. Tem gente que paga. - Mas é complicado fazer trabalho para os outros, pode pegar na gente também. - É 50% de cada, 50 % fica com quem faz, os outros 50% com quem recebe. - Uma vez uma mulher queria acabar com um sujeito e me procurou. Gastou uma grana para fazer o trabalho. - Como assim? O Sr. Fez? - Ah, aquele lá foi embora. - Ah que bom, ele fugiu? - Não, morreu mesmo, parada no coração. Fiz um trabalho com coração de boi. - Nossa como o Sr. teve coragem? Eu tenho muita fé em Deus e nos meus guias protetores. - Mas é bom fazer um agradinho para eles de vez em quando... Minha mulher não quer mais receber na Quimbanda, cansou... - Mas ela não se converteu a Igreja Evangélica, não? - Não, essas igrejas enlouquecem a pessoa... - É importante buscar uma proteção... - Esses pais de santo tudo faz trabalho um para o outro.

Começo a observar a rota e vejo um caminho diferente, olho para o gps dele e o local de destino não era a casa de candomblé para onde eu deveria ir. Observo o marcador do destino no aplicativo, constava: Clínica Mobydick. E me dou conta de que coloquei o endereço errado. Fico aflita. O local de destino era a clínica onde tinha agendado a castração do meu gato. Fico aflita, pela distância errada percorrida, pelos valores gastos, pelo tardar da hora. Peço para redefinir a rota. Ele diz que não era mais possível que já tinha aceitado outra corrida. Ele faz meia volta na avenida e nos deixa em um posto de combustível, próximo a um ponto de ônibus. Descemos do carro, meio atônitos, pela confusão e as histórias que ouvimos. Fecho a porta do carro. Olho para o meu amigo. Ambos sorrimos, mesmo com a confusão do destino, e digo: - Que homem folclórico!!! E soltamos uma gargalhada das estrelas. Refazemos a rota. O tambor de Candomblé era logo ali. Viajamos com Ogum.